

## **TCC I – Trabalho de Conclusão de Curso I**

Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação Norte – RS  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Curso de Comunicação Social – Jornalismo  
23 de Junho de 2010

### **Análise inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora***

Tiago Marcelo Albarello<sup>1</sup>  
Andrea Weber<sup>2</sup>

#### **RESUMO**

O presente estudo propõe-se a analisar de que forma se dá a inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno de agronegócio *Campo & Lavoura* veiculado no jornal *Zero Hora* todas as sextas-feiras. Tomando por base conceitos da comunicação rural, do jornalismo impresso e dos gêneros textuais e jornalísticos são apresentadas neste trabalho tabelas quantitativas a respeito das inserções do Noroeste no suplemento de agronegócio. Chegamos a resultados que apontam que a Região Noroeste aparece com frequência no caderno, tratando mais especificamente de temas ligados ao cultivo da soja, do milho e do trigo. Também identificamos que o predomínio de reportagens sobre a região em foco é evidente ao longo do ano de 2009, bem como a presença de agricultores funcionando como fontes de informação para os textos jornalísticos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caderno *Campo & Lavoura*, Região Noroeste do RS, Agricultura, Jornal *Zero Hora*, Jornalismo rural

#### **Introdução**

O Rio Grande do Sul é formado por sete Mesorregiões<sup>3</sup> Geográficas: Centro-Occidental Riograndense, Centro Oriental Riograndense, Metropolitana de Porto Alegre, Nordeste Riograndense, Noroeste Riograndense, Sudeste Riograndense e Sudoeste Riograndense. Este estudo traz presente a Região Noroeste do Rio Grande do Sul na análise do conteúdo referente a ela inserido nas edições semanais do caderno de agronegócio *Campo & Lavoura* e encartado no jornal *Zero Hora*. O objetivo deste trabalho está em decifrar de que maneira se dá a inserção da Região Noroeste do estado, tanto nos assuntos, quanto nas fontes, imagens e cidades citadas nesse caderno de agronegócio semanal.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do sétimo semestre do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria/Cesnors, Frederico Westphalen, RS

<sup>2</sup> Professora do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria/Cesnors, Frederico Westphalen, RS

<sup>3</sup> A Fundação de Economia e Estatística (FEE) utiliza essa nomenclatura para as regiões. Para facilitar a leitura e deixar o texto mais “leve”, substituiremos o termo “Mesorregião Noroeste Riograndense” apenas por “Região Noroeste”.

O Noroeste do RS é formado por 183 municípios relativamente distintos em tamanho, população e topografia. A região faz fronteira com o estado de Santa Catarina e também com uma parte da Argentina. É a região geográfica mais distante da capital do estado, Porto Alegre. Este é um motivo relevante que fez da Região Noroeste foco deste estudo. Além de estar mais distante da capital gaúcha, culturalmente e economicamente ela não reproduz o perfil tradicional do gaúcho, do homem pilchado<sup>4</sup>, sobre o lombo de um cavalo, que vive da bovinocultura de corte. Associado a isso, a colonização permanente da Região Noroeste foi mais tardia se comparada à Região Metropolitana e à da Campanha. Os padres jesuítas foram os primeiros a desbravar o local para catequizar os indígenas, mas o desenvolvimento da região iniciou efetivamente com a chegada dos imigrantes europeus no final do século XIX e início do XX (MERTZ, 2004).

Outro fato que contribuiu para a escolha da Região Noroeste do estado como foco deste estudo foi o número de municípios que a compõem. Este número é superior ao das outras seis regiões, pois nela, em geral, os municípios têm pequena extensão geográfica e número de habitantes.

O Noroeste gaúcho tem sua economia baseada, em grande parte, na agricultura familiar. As pequenas propriedades possibilitam a produção para subsistência com uma atenção maior dada a uma determinada cultura para garantir venda e também retorno financeiro aos agricultores.

Antes de começar este estudo, tínhamos uma hipótese, de base empírica, de que a Região Noroeste do RS era inserida nas notícias rurais de veículos de abrangência estadual e nacional apenas quando o assunto era desastres climáticos que afetavam a produção, especialmente no que se refere à estiagem. Frente a isso, fomos motivados a desvendar de que maneira se dá a inserção do Noroeste no caderno *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora*, que é veiculado todas as sextas-feiras. Para tanto, foi criada uma metodologia de estudo visando analisar e catalogar os dados das 52 edições do caderno veiculadas no ano de 2009. Assim, por meio de um trabalho de análise de conteúdo, procuramos identificar o grau, a frequência e a quantidade de inserções da Região Noroeste no caderno *Campo & Lavoura*, como também analisar o modo e a forma dessas inserções.

Iniciamos este artigo retomando um pouco da história da agricultura no RS e também alguns dos principais conceitos e fatos históricos relacionados à comunicação rural. Em

---

<sup>4</sup> Pilcha é uma indumentária gaúcha tradicional, utilizada por homens e mulheres de todas as idades. A pilcha masculina, que caracteriza mais o povo gaúcho, é formada por bombacha, camisa, lenço, pala, bota, guaiaca, chapéu e barbicacho.

seguida explicamos o que é o caderno *Campo & Lavoura*, trazendo também a metodologia de pesquisa utilizada no estudo. Os resultados são apresentados e finalizando o estudo as considerações finais sobre a inserção do Noroeste do RS no suplemento de agronegócio.

## **1. A agricultura no Rio Grande do Sul e na região Noroeste**

A história do Rio Grande do Sul é marcada por revoluções e por muita luta do povo que viveu e colonizou a região. Por isso, os primeiros passos do desenvolvimento da agricultura ficam ofuscados frente às revoltas. No decorrer do século XVI, começaram a se instalar no Sul os padres jesuítas, com o objetivo de catequizar os indígenas. Dentro desta catequização foram criadas as Reduções Jesuíticas. Reduções eram aldeamentos controlados por padres jesuítas com a finalidade de desenvolver o trabalho de disseminação de hábitos e de costumes europeus e a catequese. Dentro deste contexto, os padres faziam com que os indígenas trabalhassem na produção agrícola, cultivando a terra e criando animais.

A partir daí começaram a surgir no Rio Grande do Sul os primeiros sistemas agrários. De acordo com Mertz (2004, p. 279) “entende-se que um sistema agrário é a representação teórica de um tipo de agricultura historicamente constituído e geograficamente localizado”. Portanto, a história da agropecuária gaúcha, pode-se dizer, é formada por sistemas agrários.

Cerca de um século depois, começaram a surgir com maior destaque os grandes latifúndios. A escravidão chegara ao país. A partir de então, a Coroa passa a sofrer uma pressão grande da sociedade e a depender economicamente das atividades latifundiárias, inclusive no RS, onde esse sistema tinha como representantes as estâncias de criação de gado.

Com a chegada dos imigrantes europeus no século XVIII, os sistemas agrários começaram a sofrer mudanças. Foi adotado um princípio de pequenas propriedades, que passam a conviver com os latifúndios.

Ao que tudo indica, o modelo de colonização resultante da introdução de imigrantes que se dedicariam exclusivamente à agricultura deu origem a um novo sistema agrário no Rio Grande do Sul, a partir de 1824. Isto porque a implantação das colônias se deu de forma diversa da ocupação anterior do solo, realizada, em primeiro lugar, pelos latifundiários pecuaristas e, em segundo, pelos agricultores açorianos. (MERTZ, 2004, p. 281)

Os imigrantes eram proibidos de adquirir mão-de-obra escrava. Desta forma, era necessária a criação de técnicas de cultivo que fossem eficientes e que rendessem lucros. Mertz (2004) indica que a formação do sistema agrário colonial é o resultado de um projeto de colonização da Coroa brasileira, com o objetivo de introduzir trabalhadores livres e brancos na criação de um espaço de pequenas propriedades de terra. Este fato se constituiu em

uma alternativa que liberava a Coroa de sua dependência dos latifundiários escravagistas brasileiros.

Muitos dos agricultores do Rio Grande do Sul se adaptaram ao trabalho familiar ou assalariado, cultivando produtos para a subsistência e destinando maior empenho a atividades específicas, como o cultivo de uva na Serra Gaúcha e a criação de gado de corte mais ao Sul, na fronteira com o Uruguai e Argentina.

Os agricultores imigrantes desenvolviam a policultura, ou seja, a produção de diversas culturas distintas, somadas à criação de animais de corte. Todo este fenômeno esteve associado às pretensões da coroa portuguesa de diminuir os latifúndios e de eliminar a escravidão de negros.

A característica considerada essencial desse sistema agrário, a que o distingue das demais formas de agricultura desenvolvidas no Estado, é a pequena propriedade cultivada pelos membros de uma família e o sistema de produção que é a policultura, incluindo-se aí as atividades pecuárias desenvolvidas por esses agricultores. O produtor cultivava vários produtos cujos excedentes se destinam ao mercado. Há, no entanto, uma preocupação por parte do agricultor em cultivar sempre um produto que obtenha bons preços. (MERTZ, 2004, p. 281)

A preocupação dos novos colonos que se instalavam nas mais diferentes regiões era, em primeiro lugar, garantir o sustento da família, ou seja, a subsistência. A produção restante se destinava à venda, sendo que, com o passar dos anos, a preocupação das famílias rurais foi assimilando uma ideia de cultivo de produtos com bons preços, objetivando mais o comércio do que a produção para consumo próprio.

Na Região Noroeste, os agricultores imigrantes desenvolveram culturas como o milho e o trigo, que tinham bom valor no mercado. Com o passar dos anos, as famílias de imigrantes foram crescendo, povoando cada vez mais o Noroeste gaúcho, vindos principalmente das já povoadas regiões Metropolitana e Nordeste e, conseqüentemente, aumentando o número de propriedades rurais. Ao longo do tempo, novos cultivos chegaram à região, como a soja, que ganhou mercado interno no Brasil e externo.

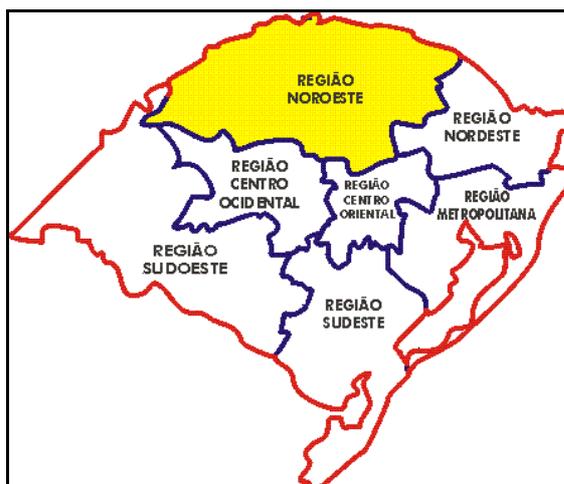


Figura 1 – Mapa das Sete Mesorregiões Riograndenses. Extraído da FEE, fonte: <http://temtem.com.br/rsuf/7rsnoroeste380.htm>

Hoje, a Região Noroeste é composta por 183 municípios, sendo que a maioria deles ainda depende economicamente da agricultura familiar. A atividade agrícola, atualmente, se define como diversificada. As propriedades são, no geral, pequenas<sup>5</sup> (embora haja variação na média de cada microrregião), obrigando os agricultores a optarem pela variedade de produção, que serve para subsistência e para comércio, naquilo que se refere principalmente à atividade leiteira e à produção de grãos. Essas afirmações são feitas com base em pesquisas de dados do site da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE)<sup>6</sup>. Como apontado pela FEE, a Região Noroeste Riograndense possui áreas plantadas em diversas culturas. Entretanto, a soja detém a maior área plantada chegando à marca de 2.622.230 ha. Em seguida vem o milho (com 778.675 ha) e o trigo (com 723.955 ha). Outras produções como batata, mandioca, hortaliças e frutas em geral representam áreas muito inferiores às das três culturas citadas anteriormente.

Além das atividades de cultivo do solo, a Região Noroeste apresenta atividade econômica na produção leiteira. Segundo a FEE, em 2008, a produção leiteira chegou a mais de um bilhão de reais no ano.

É necessário levar em conta que estes dados são referentes a toda Região Noroeste Riograndense, que é formada por onze Microrregiões muito distintas. Para exemplificar essa diferenciação dentro do Noroeste, apresentamos a Tabela 1:

<sup>5</sup> No Brasil, “pequeno agricultor” é o que possui até 100 ha, mas para a Região Noroeste 100 ha é bastante, pois segundo a FEE, a microrregião do Médio Alto Uruguai, por exemplo, a média da área das propriedades é de 15 ha.

<sup>6</sup> Dados referentes ao ano de 2008, coletados no endereço [http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/frame\\_consREM.asp?param=Mesorregiao/Noroeste-Rio-Grandense/2008](http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/frame_consREM.asp?param=Mesorregiao/Noroeste-Rio-Grandense/2008)

Tabela 1: Microrregiões que compõem a Mesorregião Noroeste do RS

Microrregiões	IDH Longevidade	IDH Educação	Pop. Rural Analfabeta	Mortalidade Infantil até 1 ano
	Índice	Índice	%	Nº por 1000 nascidos vivos
Frederico Westphalen	0,77	0,85	28,7	19,02
Cerro Largo	0,79	0,91	16,5	16,82
Microrregiões	% Renda composta transf. sociais	Intensidade da pobreza	Pessoas 10 anos ou mais até 1 salário	Abastecimento de Água
	%	-	% total	% domicílios
Frederico Westphalen	19,18	46,87	26,03	39,64
Cerro Largo	22,19	43,04	27,22	84,68

Fonte: PNUD/Atlas do Desenvolvimento Humano; IBGE/Censo Agropecuário 1995/96; DATASUS; Ministério Desenvolvimento Social apud Conterato, Schneider, Waquil<sup>7</sup>

A tabela aponta diferenças nos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) e também nos demais itens sociais. O estudo de Conterato, Schneider e Waquil (2007) leva em consideração esses dados para a construção do Índice de Desenvolvimento Rural. São analisadas três Microrregiões: Cerro Largo, Frederico Westphalen e Caxias do Sul. Para o âmbito deste presente estudo, são interessantes os dados das Microrregiões inseridas na Região Noroeste Riograndense.

Os pesquisadores Conterato, Schneider e Waquil (2007, p. 188) apontam que “a microrregião de Frederico Westphalen apresenta os piores índices em praticamente todas as dimensões, exceto na demográfica, em que o índice é pouco superior ao atribuído para a mesma dimensão na microrregião de Cerro Largo”. Essa afirmação e a observação da tabela mostram que a Região Noroeste Riograndense tem suas Microrregiões muito distintas.

Ainda existem outros dados relevantes a respeito do Noroeste. De acordo com a Fundação de Economia e Estatística, no ano de 2007, essa região era responsável por 14,25% do PIB (Produto Interno Bruto) do estado do RS a preços de mercado. Isso representa um montante de R\$ 24.963.403,00. Já o PIB per capita no Noroeste corresponde à R\$ 14.520,00, sendo que no estado este valor é de R\$ 15.813,00. Ou seja, está abaixo da média do RS.

Em uma área de 48.927,9 km<sup>2</sup> (dados da FEE em 2008), o que corresponde a 17,36% de toda a área do Rio Grande do Sul, a Região Noroeste tem um total de 1.617.311 habitantes<sup>8</sup>. Este número é referente a 15,07% da população do Estado. O Noroeste também

<sup>7</sup> Tabela adaptada do estudo de Conterato, Schneider, Waquil, 2007.

<sup>8</sup> Estes dados são de análises da FEE, levando em consideração os índices de aumento da população das cidades da Região Noroeste desenvolvidos pelo IBGE no censo demográfico.

tem dados negativos, como o índice de analfabetismo, que no ano de 2000, chegou a 8,36%, 1,71% superior à taxa de analfabetismo no Estado.

Assim, percebemos que a Região Noroeste se caracteriza pela agricultura familiar e pela produção das culturas de milho, trigo e soja. Além disso, também notamos que as microrregiões são muito distintas e os municípios de pequeno porte, os quais apresentam índices sociais abaixo da média. A partir disso passamos a discutir a atuação do jornalismo rural.

## **2. Jornalismo rural em função do desenvolvimento**

Na história da povoação do RS, algumas regiões, como a Noroeste do estado, tiveram uma colonização mais tardia, o que atrasou também o desenvolvimento agrário. Com exceção da região das Missões, as demais áreas tiveram seu povoamento intensificado a partir do fim do século XIX e início do século XX. Nesse processo, portanto, tais agricultores já conviviam com atividades de comunicação rural, muitas vezes, promovidas pelo estado.

Bordenave afirma que

Comunicação rural é o conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura, ou interessados no melhoramento da vida rural. (1988, p. 7)

Assim, a comunicação rural, além de manter relações sociais, tem um elemento específico, transformador da linguagem, estipulador dos assuntos que é a agricultura.

O processo de comunicação humana é universal, mas a comunicação urbana e rural tem diferenças. A população rural vive ao redor de uma atividade – a agricultura. Assim, os habitantes das zonas rurais pensam, sentem e agem de maneira diferente dos habitantes da cidade. Isso se dá em função de uma diferença cultural e social, especialmente no que se refere às atividades trabalhistas, onde os agricultores são autônomos e determinaram seus horários conforme suas condições físicas e conforme a demanda de trabalho. Já os habitantes das áreas urbanas desenvolvem funções específicas, cumprindo, em geral, uma carga horária estipulada de trabalho. Assim, o modelo de desenvolvimento rural determina maneiras de utilizar a comunicação que nem sempre coincidem com a comunicação nos modos urbanos (BORDENAVE, 1988).

Bordenave (1988) aponta três protagonistas da comunicação rural: a própria população das áreas rurais, o Estado e as empresas ligadas à agricultura. A explicação para isso é de que o desenvolvimento rural gira em torno da comunicação, já que os habitantes do campo têm a necessidade de interagir socialmente entre si e com outras pessoas. Já para o Estado, a

comunicação rural é importante no que se refere a medidas de políticas agrárias, além de políticas financeiras e técnicas que levem benefícios aos agricultores. E, para completar, a comunicação rural é indispensável às empresas, para que estas possam basear suas decisões em informações ligadas a insumos, fertilizantes, equipamentos, como também a disponibilidade de produção para abastecer a agroindústria.

A importância da comunicação rural é algo eminente, especialmente para as áreas como o Noroeste Gaúcho, que tem economia notadamente agrícola. Frente a isso, os veículos de comunicação criam produtos específicos para informar e noticiar fatos ligados à agricultura. Assim, cria-se um elemento dentro da comunicação rural: o jornalismo rural.

Jornalismo rural, neste estudo, é entendido como o campo da produção de conteúdo de cunho noticioso, que trabalha assuntos ligados às atividades agrícolas e agropecuárias, além de informações relacionadas à economia e a tudo o que tem por base a agricultura. E mais do que isso, neste trabalho, o foco constitui o jornalismo rural produzido por empresas jornalísticas, independentemente de atividades de extensão rural. Para entender o que significa jornalismo rural é necessário primeiro entender o que é uma notícia rural.

Amaral (2008, p. 39) afirma que “a notícia é a matéria-prima, o centro da gravidade do jornal, da mídia em geral, a base de tudo quanto é publicado”. Fica claro entender que a notícia é o elemento mais importante em qualquer produto de cunho jornalístico. Ela não é apenas uma informação, é também uma construção narrativa que faz parte de um processo de produção que envolve pesquisa, apuração e redação de texto. Já Traquina (2008, p. 98) apresenta os acontecimentos de rotina, que são pré-planejados, intencionais e desenvolvidos pelo próprio organizador do conteúdo. Além disso, os eventos rotineiros constituem a maioria dos fatos noticiados. Assim, a notícia rural constitui um fato -rotineiro ou não- ligado à agricultura ou à vida no campo, o que abrange desde informações sobre economia agrícola (preços de produtos, técnicas de cultivo, novos produtos, formas de obtenção de renda) até informações culturais (festas, folclore, modo de vida), ambientais e legais.

Então, percebemos que o jornalismo rural, em sua grande maioria, está baseado nos acontecimentos de rotina. Geralmente foge-se a essa regra quando acontecem fatos extraordinários, como vendavais que devastam lavouras, pragas que atacam animais e plantações, doenças que surgem rapidamente e se espalham mais rapidamente ainda, entre outros fatos que não são do cotidiano das áreas rurais. Assim, muitas vezes as notícias do campo são sazonais, ou seja, dependem de estações do ano e de condições climáticas para acontecerem e se repetem anualmente (plantio, safra, clima, etc.).

De acordo com a Revista USP – Dossiê Brasil Rural ( 2004-2005), muito do que se conhece hoje por jornalismo rural tem ligação com o programa *Globo Rural*. “A trajetória teve início em 6 de janeiro de 1980, quando o departamento de jornalismo da Rede Globo lançou seu novo programa, atendendo a uma encomenda do departamento de *marketing* e comercialização, que vislumbrava espaço para um produto voltado para o campo” (2004-2005, p. 133).

Para que uma empresa do tamanho da Rede Globo cogitasse um programa voltado somente ao público rural, os homens e mulheres do campo precisavam de algum meio que levasse a informação até suas casas, além de possuir o meio que lhes transmitiria a mensagem. Dessa forma, a Revista USP – Dossiê Brasil Rural (2004-2005 p. 134) explica que havia um grande alvoroço nas áreas rurais, envolvendo tanto a chegada maciça da eletricidade e da televisão ao campo, quanto as mudanças na agricultura, como a expansão das fronteiras agrícolas nacionais para a Amazônia e o Centro-Oeste, além do aumento no número de exportações.

Associado a tudo isso, na década de 60, começaram a se instalar no Brasil as indústrias de fabricação de máquinas e implementos agrícolas, que foram ganhando cada vez mais espaço. Como a população rural já possuía acesso a mídias como rádio e TV, as empresas começaram a ofertar seus produtos para alcançar também o homem do campo. Assim, “o meio rural passou a ser um novo mercado consumidor e, portanto, alvo de anúncios publicitários” (Revista USP - Dossiê Brasil Rural, 2004-2005 p. 134).

Assim como a chegada da luz elétrica no campo possibilitou o crescimento do consumo de rádio e TV, a alfabetização da população rural fez com que os jornais impressos de todo o país abrissem espaço também para as informações do campo. Santi (2010, p. 05) explica que a busca pela difusão informacional para as populações rurais, faz com que os jornais brasileiros mantenham suplementos/cadernos específicos. Ainda segundo Santi (2010) o Jornal O Estado de São Paulo é um dos principais veículos impressos que publica, desde 1955, o caderno de agronegócio, todas as quartas-feiras. No Rio Grande do Sul, há pouco mais de 25 anos, o *Campo & Lavoura* é veiculado todas as sextas-feiras no jornal *Zero Hora*. Mas antes dele, desde a da década de 50, já circulava em todo o estado o caderno *Correio Rural* do jornal *Correio do Povo*.

### **3. *Campo & Lavoura* impresso**

Como já referido anteriormente, os temas agropecuários começaram a ganhar espaço mais amplo na mídia com a inserção do homem rural no mundo capitalista e com a chegada da energia elétrica e da escola às famílias do campo.

Na década de 80, o avanço educacional no campo associado ao surgimento de movimentos sociais, como o MST, faziam com que a população conquistasse uma abertura política na sociedade. Lideranças de movimentos de agricultores perceberam ser hora de lutar por melhores condições. Então, no dia 02 de outubro de 1984 aconteceu o Grito do Campo, na época, a maior mobilização de agricultores do país, realizada no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, que contou com a participação de mais de 35 mil produtores que reivindicavam mudanças na política agrícola.

Nesta época, o grupo *Zero Hora* colocava em circulação, uma vez por ano, um caderno de reportagens especiais sobre a Expointer de Esteio. Percebendo a procura por informação pela população rural, associada ao consumo e à demanda de publicidade para o público do campo, o jornal *Zero Hora* tornou o caderno anual em um informativo de agronegócio com circulação semanal. Um e-mail repassado pela redação do caderno *Campo & Lavoura* conta uma parte dessa história:

O ano de 2009 celebra o 25º aniversário do caderno *Campo & Lavoura* de *Zero Hora*. A versão semanal do suplemento, que até então só era publicada uma vez por ano durante a Expointer, circulava no dia 26 de outubro de 1984, vinte e quatro dias após o famoso movimento Grito do Campo. O mês que marcou o ato de protesto que reuniu mais de 40 mil produtores rurais gaúchos no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, marcou também o nascimento do caderno do agronegócio gaúcho. (e-mail recebido em 6 de abril de 2010. Endereço: [campo@zerohora.com.br](mailto:campo@zerohora.com.br))

É possível identificar que o Caderno *Campo & Lavoura* surgiu a partir de uma tentativa de ampliar a venda de informação no meio impresso para todo o estado (já que o interior era e é fortemente agrícola), uma vez que o conteúdo jornalístico rural somente ganhava espaço junto às edições da Expointer.

O Caderno *Campo & Lavoura* é um suplemento informativo voltado para o agronegócio, encartado no jornal *Zero Hora* todas as sextas-feiras. O suplemento foi criado na metade da década de 1980 e refletia, na época, o interesse pela inserção (social, informativa) de um segmento da população do Estado que residia e trabalhava na zona rural. Além disso, com o avanço do agronegócio, os leitores do meio rural formaram um nicho de mercado crescente, visto que a economia do Rio Grande do Sul é voltada para a agropecuária. (PIPI, 2005, p. 13)

A aceitação do novo veículo no mercado e a necessidade das empresas de usarem o espaço publicitário garantiram ao caderno de agronegócio sua efetiva manutenção ao longo destes 26 anos. Por ser basicamente formado por conteúdo de agronegócio, envolvendo questões políticas e, principalmente, econômicas, o *Campo & Lavoura* tem um lugar específico dentro do jornal *Zero Hora* nas sextas-feiras. Pippi (2005) aponta que a edição impressa do *Campo & Lavoura* é integrante da editoria de economia do jornal, sendo que,

segundo dados da Marplan<sup>9</sup>, 62% dos leitores lêem essa editoria. A parte de economia mantém bom percentual de leitores e é responsável por assegurar anunciantes para o caderno. (PIPPI, 2005, p. 14).

Como a programação televisiva já possuía programas específicos para os espectadores rurais e o caderno *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora* manteve-se circulando semanalmente, os produtores e editores dos produtos midiáticos rurais, no início do século XXI, organizaram uma produção conjunta, que se ligou também à difusão da internet que abarca o meio audiovisual e impresso em uma só ferramenta interativa.

O suplemento informativo *Campo & Lavoura*, desde o ano 2000, é abastecido de notícias e matérias jornalísticas produzidas pela Central Multimídia RBS Rural, atendendo o setor de agronegócio na empresa. Em 2002, houve uma integração da estrutura do jornalismo rural, reunindo profissionais de TV, rádio, jornal e Internet, com produção unificada e linha editorial comum. A pauta escolhida para a produção é distribuída para os diferentes veículos da empresa comprometidos com a informação do homem do campo. Isso faz com que o caderno possua uma versão on-line que reproduz, em parte, a pauta do suplemento impresso veiculado e da TV (PIPPI, 2005, p.13).

As novas tecnologias de informação proporcionaram ao caderno impresso uma abrangência maior de temas e um aprofundamento proporcionado pela internet e pelo trabalho conjunto entre os meios televisivos, radiofônicos e digitais, dando identidade ao atual *Campo & Lavoura*.

## **Metodologia**

A metodologia de pesquisa adotada neste estudo consiste em uma análise do conteúdo de 52 edições do caderno de agronegócio *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora*. Estas 52 edições correspondem à circulação do caderno semanal durante todo o ano de 2009. O material analisado foi obtido através da internet na página do *Zero Hora Virtual* e impresso em papel A4 em cores.

A análise se deu de maneira quantitativa, sendo que os dados foram tabulados conforme organização do pesquisador e dos interesses deste estudo. Todas as 52 edições foram verificadas, identificando a inserção dos municípios da Região Noroeste do estado do

---

<sup>9</sup> A Marplan é uma conceituada e respeitada empresa de pesquisas brasileiras. É responsável pelos renomados Estudos Marplan, reconhecidos pelo mercado publicitário como referência para o planejamento estratégico de mídia.

Rio Grande do Sul. A partir daí foram definidos os gêneros textuais<sup>10</sup> jornalísticos para a tabulação. Cada uma das inserções foi encaixada em seu respectivo gênero. Os gêneros são os seguintes: Notícia, Reportagem, Nota e Coluna.

A classificação nos gêneros Notícia e Reportagem foi desenvolvida a partir dos estudos de Lage (2006). Para LAGE (2006, p. 54), existe uma diferença visível entre os dois gêneros: “a reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto ou do relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido”. Desta forma, o espaço de texto de uma reportagem, na maioria das vezes, é maior do que o espaço ocupado por uma notícia. Além disso, a linguagem é mais detalhada, apresentando informações que uma simples notícia não aborda.

“O estilo da reportagem é menos rígido do que o da notícia. Varia com o veículo, o público, o assunto. Podem-se dispor as informações por ordem crescente de importância, mas também narrar uma história, como fragmento de um romance” (LAGE, 2006, p. 55).

Lage ainda define a notícia “como o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (2006, p. 17).

Outro fato que demarca bem as diferenças entre notícia e reportagem são os temas abordados. As notícias abordam assuntos em evidência, fatos regionais, que estão em foco no momento. Já a reportagem apresenta temas variados, que não seguem critérios temporais e que podem ser explorados a fundo pelo jornalista.

Para Lage “a notícia restringe-se, então, ao anúncio e a cobertura de fatos que não ultrapassam o interesse do grupo de leitores a que se destina a publicação” (2006, p. 45). O que Lage quer explicar é, por exemplo, que a produção de conteúdo jornalístico de cunho rural se destina ao público que vive no campo ou que tem relações com a agricultura, mesmo habitando a área urbana, seja no trabalho, em casa ou em qualquer outra atividade do dia-a-dia.

Além dos gêneros Notícia e Reportagem, o conteúdo do caderno também foi classificado em Colunas e Notas. Melo (2003) define a coluna como bastidores da notícia, sendo que seu objetivo é formar a opinião pública sobre fatos cujos contornos aprofundados e definitivos serão abordados por outros gêneros como a notícia e a reportagem. As colunas têm

---

<sup>10</sup> Aqui é utilizada o conceito “gênero textual”, atualmente muito em voga nos estudos de Linguística, que remetem à idéia de uma organização de texto em um certo formato e com um certo objetivo comunicativo (conceito aprimorado por autores como Marcuschi e Motta-Roth, a partir de “Estética da Criação Verbal”, de Michail Bakhtin). Não confundir com “gêneros jornalísticos”, terminologia usual nos estudos de comunicação, e que remete às categorias de informativo, interpretativo e opinativo.

espaço próprio dentro do jornal e são caracterizadas pelo seu nome e seu escritor, como por exemplo, a coluna *Campo & Política* da Jornalista Carolina Bahia. Além disso, a coluna pode ser tratada como seção fixa, e aí pode divulgar artigo ou crônica, ou como gênero contendo estruturas distintas – texto ou mosaico de pequenos textos.

Já a nota é definida por Melo (2003) como uma notícia breve e concisa, que se destina à informação rápida. Além disso, o autor afirma que a nota corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração e formação. Em relação a notícia, a nota é muito mais pequena se resumindo ao lead basicamente. Tresca (2007, p. 04) diz que “a nota é definida como ‘notícia curta’”.

Além da classificação das inserções nos gêneros textuais, foram identificadas as fontes de informação. Esta categorização deu-se verificando se a fonte utilizada na matéria onde a Região Noroeste foi inserida é da região ou de fora dela. Em diversas inserções, a região serve somente de amostragem de algo, como a estiagem, por exemplo, que traz prejuízos a todo o estado, incluindo a Região Noroeste do Rio Grande do Sul.

Na classificação de fontes também foi utilizado o item “sem fonte”, mais frequente em notas e em colunas. Contudo, em algumas colunas há a presença de fontes de informação, especialmente na coluna “Criadores”, onde o texto é escrito com base em informações colhidas junto aos produtores.

Ainda foram tabulados os dados referentes à utilização de imagens nas inserções da Região Noroeste. Essas imagens foram analisadas também qualitativamente para identificar de que forma se dá a representação dos agricultores da Região Noroeste no caderno de agronegócio: se apresentados com enxada nas costas ou sobre tratores, com roupas de trabalho ou sociais, nas lavouras ou dentro de casa, etc.

Além disso, também foram categorizados os temas de todo o conteúdo com a presença da Região Noroeste. Os assuntos elencados para classificação foram: clima/estiagem, soja/milho/trigo, perfil, pecuária, tecnologia, feiras e exposições, outros assuntos. Em algumas oportunidades, o trigo, por exemplo, foi abordado ligado ao excesso de chuvas que danifica as lavouras e pode trazer doenças. Nesse mesmo aspecto, a soja ganhou destaque, mas quando o tema era a estiagem. Por isso, nestes casos, a classificação foi para o tema *Clima/Estiagem* por se tratar dos efeitos que as intempéries climáticas causam sobre as culturas.

Finalizando a análise e a contagem dos dados, foram relacionadas todas as cidades da Região Noroeste inseridas ao longo do ano de 2009 no caderno *Campo & Lavoura*.

## **Resultados**

Durante a análise, percebemos que o caderno de agronegócio *Campo & Lavoura* tem uma linha editorial que procura, de uma maneira geral, fazer referência a todas as regiões do Rio Grande do Sul, sempre apresentando assuntos dos mais diversos municípios gaúchos. A Tabela 2 apresenta os números gerais da inserção da Região Noroeste no *Campo & Lavoura*.

Tabela 2 – Edições onde a Região Noroeste foi inserida

<b>Nº total de Edições</b>	<b>52</b>	<b>100%</b>
Nº edições com a região	40	76,92%
Nº edições sem a região	12	23,08%

Fonte: o autor

Das 52 edições do ano de 2009, a Região Noroeste do estado apareceu em 40 delas, sendo que em 12 edições não foi feita nenhuma referência ao Noroeste. Nestas 40 edições em que a Região Noroeste esteve presente, também foram levantados assuntos de outros locais. Também, entre essas inserções, existem casos em que os temas são abordados de maneira geral, como, por exemplo, falando sobre os efeitos da seca no Rio Grande do Sul, onde na Região Sudoeste o gado sofre com as pastagens secas e na Região Noroeste a cultura da soja acumula prejuízos.

Com relação aos gêneros textuais, cujo conceito já discutimos anteriormente, em que os conteúdos sobre a Região Noroeste são apresentados, observamos a seguinte distribuição:

Tabela 3 – Gênero textual da inserção

<b>Gênero textual</b>	<b>Nº de inserção</b>	<b>% de inserção</b>
Reportagem	27	36%
Notícia	22	29,33%
Notas	18	24%
Colunas	8	10,67%
<b>Total</b>	<b>75</b>	<b>100%</b>

Fonte: o autor

Percebemos que o caderno *Campo & Lavoura* apresenta um número maior de reportagens do que de notícias referentes à Região Noroeste do Rio Grande do Sul. Essas reportagens atribuem-se a diversos assuntos abordados e trazem como fontes, pessoas da própria região em foco. O número de notícias onde a Região Noroeste foi inserida é menor, em primeiro lugar, pelo fato de que as notícias do campo são sazonais e ocorrem anualmente, como o plantio, o tratamento e a colheita da soja, que ocorrem somente uma vez no ano. Em segundo lugar, o número de reportagens é maior, em função de que o caderno de agronegócio procura representar o homem bem-sucedido do campo, as tecnologias aplicadas na produção, enfim, assuntos que são abordados de maneira dinâmica e leve. Dessa forma, as notícias perdem espaço, já que o interesse editorial não é apresentar fatos noticiosos ocorridos durante a semana, ou assuntos de proporções pequenas, ou que somente interessam à determinada

região do estado. Além disso, nas regiões mais distantes dos grandes centros, ocorrem poucos eventos políticos ou econômicos que interessem a todos os agropecuaristas do estado, portanto, a maioria das notícias do caderno *Campo & Lavoura* são sobre decisões político-econômicas, que ocorrem com mais frequência na capital Porto Alegre.

No meio rural, as notícias do dia-a-dia não ganham grande ênfase nos veículos de comunicação destinados ao agronegócio. Na maioria das 27 reportagens, os assuntos eram ligados ao Noroeste Gaúcho, entretanto em algumas reportagens o tema era abordado em nível de estado, mas com uma referência à região. Por exemplo, uma reportagem tratando do tema “produção leiteira” apresenta dados da produção em nível de estado, dados de industrialização do produto e dicas de novas tecnologias adotadas. Em seguida, em um quadro dentro da reportagem, aparece o agricultor da Região Noroeste que obteve um aumento expressivo na sua produção e com isso conseguiu maior lucratividade.

Nas 52 edições de 2009, também estiveram presentes 144 colunas, visto que a coluna *Criadores*, escrita por Renata Ryff Moreira, esteve afastada do caderno por 12 edições. Mesmo assim, o que chama a atenção é a presença da Região Noroeste Gaúcha em somente oito colunas, correspondendo a 5,55% do total de colunas do caderno, um número baixo, se comparado ao total de inserções do Noroeste nos demais gêneros textuais do caderno durante o ano de 2009. Esse fato pode ser atribuído aos temas relacionados nas colunas, que geralmente não condizem com a situação da região, como, por exemplo, os acontecimentos políticos em Brasília, envolvendo a agricultura nacional e estadual, as raças de animais e competições de laço da coluna *Rédea Solta*.

Já a coluna *Campo & Política*, da jornalista Carolina Bahia, por exemplo, é construída a partir de acontecimentos de Brasília ligados ao Rio Grande do Sul. Em duas oportunidades a coluna trata da estiagem e dos prejuízos que por ela são causados, associando-a aos projetos do governo para auxiliar a agricultura familiar gaúcha na redução dos efeitos da seca. No primeiro dos dois casos, a jornalista cita “Região Noroeste” quando se refere à falta de chuva que atinge os agricultores e, na outra coluna, relembra o fato, afirmando que o governo liberou recursos para auxiliar as famílias atingidas pela estiagem.

Nas demais colunas, *Criadores* e *Rédea Solta*, a Região Noroeste somente aparece quando há eventos de pecuária, já que os assuntos abordados nesses espaços são ligados à criação de animais e não ao cultivo da terra. Portanto, nesses espaços as regiões que são citadas com maior frequência correspondem às regiões Metropolitana, Sudeste e Sudoeste gaúchas.

Cada edição do caderno *Campo & Lavoura* apresenta entre três e quatro notas de informação, sendo que no ano de 2009, nas 52 edições, foram publicadas 163 notas. As 18 notas que tiveram a inserção da Região Noroeste do Rio Grande do Sul, funcionaram, na grande maioria, para lembrar de acontecimentos como feiras ou encontros de agricultores e para fazer referência a eventos, como o início de colheitas de culturas de pequena produção.

Além disso, visualizamos que o conteúdo do *Campo & Lavoura* abre espaço para reportagens, notícias, notas e colunas de assuntos de outros estados brasileiros e inclusive para temas internacionais que podem ser de interesse dos gaúchos.

No que se refere ao uso de imagens, percebemos que o *Campo & Lavoura* procura utilizar fotografias de seus entrevistados tanto em reportagens quanto em notícias.

Tabela 4 – Uso de imagem

Com imagem	46	61,33%
Sem imagem	29	38,67%
<b>Total</b>	<b>75</b>	<b>100%</b>

Fonte: o autor

A valorização de imagens é muito grande nas páginas do caderno *Campo & Lavoura*, sendo que toda reportagem possui pelo menos uma imagem. Os 29 casos em que a Região Noroeste esteve inserida e que não foram utilizadas imagens, correspondem às 18 notas, mais as oito colunas e três notícias. Além disso, os agricultores aparecem nas fotos geralmente bem vestidos, próximos de suas máquinas e implementos agrícolas. Em nenhuma oportunidade, o agricultor da Região Noroeste inserido no caderno, apareceu dentro de casa, somente nas lavouras ou nas feiras e exposições. O agricultor que trabalha com a enxada e que chega sujo e cansado em casa não foi retratado nas imagens do suplemento de agronegócio.



Figura 2 – Representação do Agricultor do Noroeste no caderno de agronegócio

Fonte: Zero Hora, Caderno *Campo & Lavoura*, nº 1.292, 16-10-2009, p. 04-05

Como já mencionado anteriormente, os agricultores que aparecem nas imagens são tidos como fontes de informação para construção do texto jornalístico. Avaliando as fontes entrevistadas nas matérias em que a região Noroeste é citada, foi possível delinear a seguinte tabela:

Tabela 5 – Fontes da Região

Fontes da Região	56	50%
Fontes de outras Regiões	9	8,03%
Fontes de Regiões não especificadas	27	24,11%
Texto sem fonte	20	17,86%
<b>Total</b>	<b>112</b>	<b>100%</b>

Fonte: o autor

O conteúdo jornalístico apresentado no Caderno *Campo & Lavoura* trouxe um número expressivo de fontes da Região Noroeste, pois foram inseridas 56 fontes em 52 edições do caderno no ano de 2009. É importante lembrar que em várias ocasiões, em reportagens especialmente, foram utilizadas mais de uma fonte no texto, o que pode explicar este número elevado de pessoas da região que contribuiram com informações para o periódico.

É importante lembrar que a Tabela 4 apresenta todas as fontes utilizadas nas matérias em que a Região Noroeste do Rio Grande do Sul foi citada, o que significa que o total de 112 fontes não corresponde ao total de fontes entrevistadas ao longo de 2009, e sim às fontes que estão inseridas nos textos em que a Região Noroeste é citada. Entretanto, em 20 inserções da Região Noroeste, o conteúdo jornalístico não apresentou fontes, sendo então classificado como texto sem fonte. Os conteúdos que não possuíram fontes foram as 18 notas (como apresentado na Tabela 2), mais as duas inserções da Região Noroeste na Coluna *Campo & Política*, da jornalista Carolina Bahia.

Em muitas notícias e reportagens foram inseridas fontes com designação de cargo e também o nome da pessoa, entretanto, não foi informado de que região tal fonte provinha. Nestes casos, as fontes foram classificadas como “Fontes de regiões não especificadas”. Um exemplo deste tipo de fonte é “o Gerente técnico da Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto (Cooplantio), Dirceu Gassen” (*Campo & Lavoura*, n 1.252, 02/01/2009).

Em contrapartida, também existiram algumas fontes que tiveram suas regiões identificadas. Em nove oportunidades as fontes de outras regiões, que não a Noroeste, foram devidamente identificadas, como, por exemplo, “o pesquisador Carlos Alberto Arias, da Embrapa Soja, de Londrina, no Paraná” (*Campo & Lavoura*, n 1.253, 09/01/2009).

Percebemos que a procura por representar a opinião do próprio produtor rural é maior no caderno *Campo & Lavoura* do que de apresentar as sugestões e conceitos das fontes oficiais. Claro que em casos específicos é indispensável a voz oficial, entretanto, o objetivo maior é mostrar a vida e as ideias dos agricultores bem-sucedidos, mesmo estes não sendo o retrato fiel da maioria dos produtores rurais do Noroeste do estado, que são pequenos proprietários de terra. Vale lembrar, que são os grandes produtores também os principais leitores de jornais, já que a baixa escolarização e a dificuldade de circulação de material no campo ainda é grande em nosso país e afeta principalmente pequenos agricultores.

Já no que se refere aos temas tratados, percebemos um destaque maior para os assuntos relacionados ao cultivo das culturas da soja, do milho e do trigo, como vemos na Tabela 6.

Tabela 6 – Tema das inserções

<b>Tema</b>	<b>Quantidade</b>	<b>%</b>
Clima/Estiagem	8	10,25
Soja/Milho/Trigo	21	26,92
Perfil	9	11,53
Pecuária	14	17,94
Tecnologia	12	15,38
Feiras e Exposições	8	10,25
Outros Assuntos	6	7,69

Fonte: o autor

Tal qual destacamos anteriormente, a atividade agrícola com maior prestígio e maior relevância na Região Noroeste do Rio Grande do Sul é o cultivo da terra e as produções de milho, trigo e, especialmente, da soja. A grande maioria dos agricultores não possui vastas áreas para plantio, mas mesmo assim, nas 52 edições do caderno *Campo & Lavoura* de 2009, temas relacionados ao cultivo de milho, trigo e soja na região foram abordados de forma expressiva, se comparados aos demais assuntos. Ou seja, obtiveram espaço culturas agrícolas que em geral necessitam de maiores extensões de terra e não foram abordadas atividades típicas de pequenos produtores, como a criação de animais para consumo, o cultivo de hortaliças e também atividades como a apicultura, cunicultura, entre outras.

Na maioria das vezes, como apontado na Tabela 6, percebemos que o assunto em pauta foi a produção, os métodos de cultivo e as rendas que essas três culturas propiciam aos agricultores e também à indústria e à população em geral.

Um dado que revela a importância da Região Noroeste para o caderno *Campo & Lavoura* é a abordagem do perfil dos produtores. O caderno de agronegócio procura, na maioria de suas edições, mostrar um pouco da vida de agricultores que investiram na

produção e obtiveram um grande sucesso. Desta forma, em 52 edições do *Campo & Lavoura*, foram apresentados 21 perfis de produtores ou investidores rurais. Deste total, 42,85% das inserções no tema perfil são de agricultores da Região Noroeste do Rio Grande do Sul.

A tecnologia na região Noroeste também teve um bom espaço durante o ano de 2009. Nas 12 vezes em que este tema foi pautado com referência ao Noroeste Gaúcho, os assuntos trataram das novas máquinas e implementos agrícolas que estão sendo utilizados para a produção. Além disso, em outras oportunidades, os assuntos ligados à tecnologia tratavam de estudos realizados em universidades para o desenvolvimento de plantas, especialmente da soja.

Mesmo sendo a produção de grãos o grande destaque dado à Região Noroeste, tanto em face à estiagem ou aos estudos de tecnologia e desenvolvimento, a pecuária também foi abordada, mas de forma bem menos expressiva no *Campo & Lavoura*. Como já referido anteriormente, o Noroeste gaúcho tem como característica as pequenas propriedades rurais da agricultura familiar, fato que possibilita a criação de alguns animais para consumo e a produção de grãos. Entretanto, nos últimos anos vem crescendo a adesão dos agricultores à suinocultura, avicultura e à produção leiteira, mas ainda em escala limitada, não transformando as pequenas e médias propriedades em propriedades de grande porte. Frente a isso, o caderno de agronegócio do Jornal *Zero Hora*, abordou as questões de alguns desses produtores da região, utilizando eles próprios como fontes e também especialistas em economia para falar sobre a atividade e a expectativa dela na região.

Mesmo trazendo presente várias vezes a Região Noroeste inserida no contexto da pecuária, a grande maioria da produção jornalística a respeito do assunto se referia à Região Sudoeste Riograndense. Esta região compreende a chamada “campanha”, que tem como principal característica agropecuária a criação de gado, em que são citados principalmente os municípios de Alegrete, Bagé, Santana do Livramento, São Borja e Uruguaiana.

Notamos que um dos objetivos do caderno *Campo & Lavoura* é deixar as pessoas informadas dos negócios e do movimento econômico da agropecuária, sendo assim, em várias oportunidades, as feiras e mostras envolvendo as atividades rurais tiveram destaque especial. Em 2009, as duas principais Exposições que aconteceram no Rio Grande do Sul foram a Expodireto – da cidade de Não-Me-Toque, no Noroeste – e a Expointer – da cidade de Esteio, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

Por ser na Região Noroeste, a Expodireto rendeu várias pautas referentes à região no caderno *Campo & Lavoura*. Além de agricultores e expositores de Não-Me-Toque, muitas outras pessoas do Noroeste gaúcho serviram de fontes para os textos ligados à feira.

Durante a Expointer, em Esteio, o jornal *Zero Hora* produziu um caderno especial para o *Campo & Lavoura*. Nele havia reportagens e notícias referentes aos acontecimentos da exposição, sendo que agricultores de todo o estado foram entrevistados, inclusive da Região Noroeste. Nas feiras e exposições, é mais fácil para os repórteres encontrarem assuntos agrícolas e também as fontes de informação, já que a movimentação de pessoal é grande e impulsiona a agropecuária.

O destaque dado a Expodireto, de Não-Me-Toque, também foi grande, mas de proporções bem menores do que aquele dado à Expointer, de Esteio. Em vez de um caderno especial, apenas algumas reportagens e notícias ligadas à feira. Os municípios da Região Noroeste promovem diversas feiras e exposições que envolvem o agronegócio, como a Expofred em Frederico Westphalen, a Feicap em Três Passos e a Expojuí, na cidade de Ijuí. Entretanto, as outras feiras, além da Expodireto, que têm maior destaque na área rural são a Fenamilho em Santo Ângelo e a Fenasoja em Santa Rosa. Em 2009, aconteceu a 14ª edição da Fenamilho Internacional em Santo Ângelo, contudo o caderno *Campo & Lavoura* não deu grande expressividade ao evento, sendo que apenas notas referentes ao acontecimento da feira foram publicadas. A Fenasoja de Santa Rosa aconteceu neste ano, portanto também não foi citada nas edições de 2009. A Feicap também foi realizada em 2010 e a Expofred têm data marcada para acontecer em setembro de 2010, por isso não foram citadas ao longo das 52 edições do *Campo & Lavoura* analisadas neste estudo.

A Região Noroeste também apareceu em seis outros assuntos que não foram discriminados na tabela. Entre eles estão o cultivo de cana-de-açúcar e a disputa pela presidência da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul, a Farsul, em que os dois candidatos são das cidades de Santo Augusto e de Não-Me-Toque, ambas pertencentes ao Noroeste Gaúcho.

Sobre as cidades mais citadas no *Campo & Lavoura*, podemos ver na Tabela 7 que alguns municípios se sobressaem em relação aos demais.

TABELA 6 – Cidades inseridas e número de ocorrência no ano de 2009

Passo Fundo	17	Chiapeta	1
Não-Me-Toque	14	Coronel Bicaco	1
Cruz Alta	9	Coxilha	1
Erechim	7	Erval Grande	1
Ijuí	6	Espumoso	1
Santo Augusto	5	Ibiraiaras	1
Tapejara	3	Jaboticaba	1
Carazinho	2	Jóia	1
Giruí	2	Mato Queimado	1
Ibirubá	2	Nova Ramada	1

Rondinha	2	Palmeira das Missões	1
Santa Rosa	2	Panambi	1
Santo Ângelo	2	Pejuçara	1
São Luis Gonzaga	2	Pontão	1
Três de Maio	2	Rolador	1
Água Santa	1	Roque Gonzáles	1
Alto Alegre	1	Santo Antônio das Missões	1
Campo Novo	1	Sarandi	1
Candido Godói	1	Três Arroios	1
Chapada	1	Vila Maria	1

Fonte: o autor

Como já referido anteriormente, a Região Noroeste do Rio Grande do Sul é composta por 183 municípios, sendo que a maioria destes têm sua economia baseada especialmente na agricultura familiar. Destes 183 municípios, apenas 40 apareceram durante o ano de 2009 nas páginas do *Campo & Lavoura*.

Passo Fundo foi o município que mais vezes foi citado nas 52 edições. Por ser uma das maiores potências econômicas da região, com um vasto território e com instituições como a Embrapa e a Universidade de Passo Fundo – UPF (que realiza diversas atividades de pesquisa e extensão nas áreas rurais) –, o município foi citado nos mais diferentes assuntos. Outro fato que leva ao grande número de inserções de Passo Fundo é a existência de uma filial do Grupo RBS na cidade, o que promove maior ênfase ao município no momento da coleta de informações.

O município de Não-Me-Toque teve um bom destaque dentro das 52 edições do *Campo & Lavoura* em 2009. Este fato está relacionado à realização da Expodireto, que é uma das maiores feiras de agronegócio do Rio Grande do Sul e que ganhou destaque especial no *Campo & Lavoura*, sendo o principal tema de uma das suas edições. Além disso, Não-Me-Toque apareceu quando o assunto era a eleição da Farsul, onde os candidatos eram de Não-Me-Toque e de Santo Augusto. O município de Santo Augusto também foi inserido em uma quantia significativa de vezes, em relação ao município de Santa Rosa, por exemplo, que é a Capital Estadual da Soja.

Santa Rosa é um caso interessante de ser comentado, pois, como já mencionado, o município é conhecido por ser a capital estadual da soja, entretanto, das 21 vezes em que o tema da inserção da Região Noroeste foi o cultivo de grãos, somente em duas oportunidades Santa Rosa foi citada. A Feira Nacional da Soja girou na edição deste ano (2010) cerca de 41 milhões de reais. Ano passado (2009) não houve edição do evento que ocorre a cada dois anos. Mesmo assim, a abordagem dada às feiras pelo caderno *Campo & Lavoura* mostra a importância das exposições e feiras como fato noticiável no meio rural.

Além disso, assim como Passo Fundo, Santa Rosa também possui uma filial do Grupo RBS, que é a *RBS TV Santa Rosa*. Contudo, enquanto Passo Fundo foi inserido 17 vezes, muitas em função do fato de ser sede de uma filial da RBS, Santa Rosa, que também tem uma filial, apareceu somente duas vezes.

Pode-se cogitar, então, que passo Fundo aparece mais vezes porque ali estão instalados os agricultores que têm o perfil do caderno do agronegócio de ZH, que não é baseado nos pequenos agricultores, que diversificam sua produção e vendem em feiras ou até mesmo de porta em porta seu produto. Os agricultores que serviram de fonte em Passo Fundo são grandes proprietários de terra, que cultivam grandes extensões. Isso faz com que os municípios das microrregiões não sejam inseridos com frequência, ainda mais se levados em conta alguns dados da situação dessas microrregiões, como os índices de analfabetismo no campo, a falta de indústrias e de empresários do ramo da agropecuária, entre outros fatores.

### **Considerações finais**

Chegando ao final desta pesquisa de conteúdo sobre a inserção da Região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul no caderno *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora*, percebemos que o caderno de agronegócio destina um espaço considerável às informações que correspondem ao Noroeste gaúcho e em temas diversificados, ao contrário do que tínhamos como hipótese.

Como vimos anteriormente, devido a fatores históricos e sociais, a Região Noroeste do RS é muito heterogênea internamente e em relação ao estado, tanto na cultura, quanto nos fatores econômicos e de desenvolvimento humano. Esses fatores, especialmente os econômicos/sociais, mostram que a maioria da população rural da região é de pequenos agricultores. O caderno de agronegócio *Campo & Lavoura*, ao longo do ano de 2009, em suas 52 edições, pouco apresentou este perfil de agricultor familiar, que diversifica a produção, tem retornos financeiros menores e produz em pequenas propriedades. O agricultor apresentado nos textos jornalísticos do suplemento de agronegócio foi aquele bem-sucedido, que conseguiu construir com a agropecuária um grande patrimônio financeiro para sua família.

Essa representação do agricultor de grande porte pode estar associada aos Índices de Desenvolvimento Humano, especialmente aqueles ligados à educação. Como o índice de analfabetismo da população rural da Região Noroeste é bastante elevado (chegando a 28,7% na microrregião de Frederico Westphalen, de acordo com a Tabela 1 do presente estudo), a

linha editorial do *Campo & Lavoura* procura atingir em maior âmbito os agricultores de grande poder financeiro e também os médios produtores, potenciais consumidores do jornal.

Ao começar este estudo, tínhamos em mente que o caderno *Campo & Lavoura* somente citava o Noroeste do estado quando os temas estavam ligados ao clima, especialmente à estiagem. Entretanto, ao constatar que das 52 edições do caderno, em 40 a região foi citada, concluímos que o suplemento semanal do *Zero Hora* procura tratar com frequência de assuntos do Noroeste, mesmo os personagens não correspondendo a realidade da maioria dos agricultores da região.

Observando as páginas do caderno também notamos que ele explora todas as sete Mesorregiões do estado de forma relativamente balanceada, levando aos leitores assuntos de todas as regiões. Porém, existe uma certa ênfase no modelo humano e agrícola que configura o imaginário gaúchesco: a pecuária de corte e o gaúcho típico, tanto que existem colunas específicas sobre esse tema e a Expointer obtém destaque muito maior que outras feiras.

Nas 40 edições em que o Noroeste gaúcho foi citado, ao todo, foram 75 inserções nos quatro gêneros jornalísticos: reportagem, notícia, nota e coluna. Devido à sazonalidade das notícias das áreas rurais, *Zero Hora* publicou no suplemento de agronegócio um número maior de reportagens, visto que, como abordamos anteriormente neste estudo, de acordo com Lage (2006), o estilo da reportagem é mais brando que o da notícia. Isto significa que a reportagem possibilita uma abordagem mais detalhada, uma escrita mais indireta do que a da notícia, que segue a ordem de importância do fato e a temporalidade dele. Assim, percebemos que a exploração de reportagens referentes à Região Noroeste foi 18,5% maior do que a de notícias da mesma região.

As notas de informação tiveram menor incidência em função de que o sistema adotado no *Campo & Lavoura* para este gênero é de informações rápidas, geralmente ligadas aos eventos de agronegócio tanto no estado, quanto no país e até mesmo fora dele.

O que chama a atenção é a pouca incidência da Região Noroeste nas colunas. Os fatos atribuídos a isso podem estar ligados à produção das colunas, que são feitas fora do Noroeste. A coluna *Campo & Política* apresentou duas inserções da região, tratando da estiagem e do que estava sendo feito em Brasília para ajudar os agricultores atingidos. Já as colunas *Rédea Solta* e *Criadores* (responsáveis pelas outras inserções) não têm um perfil que se enquadra nas características da Região Noroeste, pois tratam de temas relacionados à criação de animais de porte médio como cavalos, gado de corte e leiteiro. Além disso, ambas as colunas falam sobre eventos de laço, como rodeios, e também de leilões que ocorrem com maior frequência e

destaque na região da Campanha, envolvendo as Mesorregiões Sudeste e Sudoeste Riograndenses.

Percebemos que o caderno de agronegócio do jornal *Zero Hora* explora a utilização de imagens em todas as suas páginas. Nas 75 inserções da Região Noroeste todas as notícias e as reportagens estiveram acompanhadas de imagens, sendo elas fotografias (na maioria dos casos) ou infográficos. As notas e as colunas não apresentaram nenhum tipo de imagem, mostrando que o suplemento voltado para a agricultura segue padrões comuns do jornalismo impresso em jornal.

Já que o *Campo & Lavoura* procurou mostrar o agricultor bem-sucedido da região, as fotografias publicadas junto às matérias representaram o agricultor de boa vestimenta, socialmente apresentável, em sua propriedade de terra ao lado de seu maquinário. O pequeno agricultor do Noroeste, que ainda tem na enxada seu trabalho, não foi mostrado ao longo de 2009.

O conteúdo ligado ao Noroeste gaúcho teve como fontes, pessoas ligadas a instituições de ensino, pesquisa e extensão, como as universidades e as empresas de pesquisa. A produção do caderno *Campo & Lavoura* feita em conjunto pelos meios televisivo, digital e impresso impulsionou ainda mais a abrangência dos grandes pólos de ensino, já que o conteúdo utilizado no programa de TV também pôde ser utilizado no impresso. Assim, professores e estudantes de cursos ligados à agricultura apresentaram novas tecnologias de produção aos leitores do *Zero Hora*.

Aqui vemos que se, por um lado, um certo perfil de agricultor é deixado de fora da proposta do caderno, por outro, a presença de produtores rurais como fonte é uma constante, superando um antigo problema do jornalismo rural que é dar voz especialmente para fontes oficiais da área, como presidentes de sindicatos, cooperativas, agrônomos, etc. Assim, embora os centros de pesquisa tenham espaço, por exemplo, eles não dominam o conteúdo noticioso sobre o campo.

Como já mencionado anteriormente, os produtos jornalísticos rurais começaram a ganhar maior espaço com a demanda de publicidade criada a partir do aumento das tecnologias rurais (principalmente a produção de implementos agrícolas ainda mais modernos). Este fato ajudou na introdução do jornalismo rural nos meios de comunicação, que foi buscando informar produtores a respeito das novas sementes, dos defensivos e fertilizantes mais indicados, das cotações e outros assuntos de interesse do homem do campo. Essas caracterizações são típicas da comunicação rural, que é a transferência de tecnologias,

ou seja, a mediação dos novos estudos até o público alvo e que, como vemos, o caderno de Zero Hora procura efetuar.

Ainda falando sobre o conteúdo da Região Noroeste do RS no caderno *Campo & Lavoura*, percebemos que os temas ligados à região são relativos a sua escala de produção. Ou seja, como a Região Noroeste possui uma área de 2.622.230 ha de soja plantada, 778.675 ha de milho e 723.955 ha de trigo, essas três culturas foram abordadas com maior frequência do que qualquer outro assunto da região.

Já a pecuária teve uma abordagem menor, uma vez que a agricultura da Região Noroeste dedica-se mais ao cultivo da terra do que à criação de animais. Vale lembrar que a bovinocultura de leite vem ganhando espaço já que, como vimos anteriormente, a produção leiteira em 2008 na Região Noroeste chegou a mais de um bilhão de reais. Portanto, grande parte das inserções em que o tema foi a pecuária é em função desta adesão parcial dos produtores à atividade leiteira. A análise dos municípios citados durante 2009 no *Campo & Lavoura* mostrou que as cidades maiores, como Passo Fundo, a qual possui universidades, a Embrapa e uma filial do Grupo RBS, ganham maior destaque noticioso no decorrer do ano.

Outro fator interessante é que em nenhuma das 75 vezes em que a Região Noroeste Riograndense foi citada no suplemento semanal, apareceram municípios que compõem a microrregião de Frederico Westphalen. Esse fato pode estar atribuído à alta taxa de analfabetismo da população rural registrada na microrregião (de 28,7% em 1.995/96) e ao seu tipo de agricultura e agricultor que não se enquadra na linha editorial do caderno *Campo & Lavoura*.

Por fim, levando em consideração todos esses pontos, acreditamos que o suplemento informativo de agronegócio *Campo & Lavoura* do jornal *Zero Hora* faz uma boa abordagem da Região Noroeste, entretanto mostra com maior vigor apenas um lado da agricultura regional: o médio/grande produtor rural. A grande massa de agricultores da região, que precisa produzir para seu sustento, não tem espaço nas páginas do caderno. Além disso, a Região Noroeste Riograndense é abordada em diversos temas, não somente naqueles relacionados a perdas pela estiagem ou por intempéries climáticas, e sim em feiras, em assuntos de desenvolvimento sustentável e tecnológico, além do cultivo de plantações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

BORDENAVE, Juan E. Dias. **O que é comunicação rural**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CONTERATO, Marcelo Antônio; SCHNEIDER, Sérgio; WAQUIL Paulo Dabdab. **Desenvolvimento rural no Estado do Rio Grande do Sul: uma análise multidimensional de suas desigualdades regionais**. Santa Cruz do Sul: REDES, v.12 n. 2, 2007

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

MAGALHÃES, Hélio Augusto de. **Comunicação e desenvolvimento no meio rural**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2004.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MERTZ, Marli. **A agricultura familiar no Rio Grande do Sul – um Sistema Agrário Colonial**. Porto Alegre, 2004.

PIPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação: Interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeineidades**. Santa Maria. Dissertação, 2005.

SANTI, Heloise Chierentin. **O impresso no meio rural: A recepção do caderno *Agro Negócio* por produtores rurais do município de Frederico Westphalen**. Frederico Westphalen. Trabalho de Conclusão de Curso, 2010

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2008.

TRESCA, Laura Conde. **Gênero Informativo no Jornalismo Impresso - O estado da arte no Brasil**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2007

\_\_. **Revista USP: Dossiê Brasil Rural**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004-2005.